

# Afectação de desempregados: Iniciada inscrição voluntária

Inscrevendo-se voluntariamente, desempregados residentes no bairro do Hulene, em Maputo, iniciaram já um processo que visa a sua integração em tarefas produtivas nos seus locais de origem, facilitando dessa forma a campanha em curso nesse sentido.

Há unidades de produção onde a mão-de-obra é escassa. Há exemplos de vida e trabalho colectivos, no campo, onde nem mesmo os bandidos armados constituem entrave para o seu desenvolvimento: A IFLOMA, em Manica, é um deles a Maragra, em Maputo, é outro.

Na materialização das directrizes traçadas pelo Presidente Samora Machel, aquando do histórico comício de 21 de Maio deste ano, na Praça da Independência, em Maputo, o Ministro do Interior, Tenente-General Armando Guebuza, anunciou num encontro havido no passado dia 2 de Junho, no Centro de Estivadores do Xipamanine, o processo de integração dos desempregados e improdutivos que são convidados mais uma vez a abandonar a Cidade de Maputo, com destino às respectivas zonas de origem.

Para os não preguiçosos, a medida foi oportuna em termos de resolver um dos seus maiores problemas: a falta de ocupação

profissional definida e consequentes problemas financeiros.

Porque, de facto, há os que procuram emprego e não encontram como acontece em qualquer cidade grande como Maputo ou Beira. Mas também há os que não querem trabalhar e que para sobreviverem vivem de pequenos «biscates», ou de expedientes.

O plano de integração dos desempregados e improdutivos não visa apenas encaminhá-los para os seus locais de origem. O objectivo é que a partir de agora passem a ser úteis à sociedade, e a si próprios, produzindo.

A Marracuene Agrícola (Maragra), por exemplo, prontificou-se a aceitar um determinado número de novos trabalhadores. Como

aquela empresa, pelo menos a Açucareira de Mafambisse, em Sofala, a Sena Sugar em Marromeu, a Emochá, na Zambézia, o projecto dos 400 mil hectares no Niassa e Cabo Delgado, precisam de mão-de-obra.

Papel preponderante cabe aos Grupos Dinamizadores e outras estruturas políticas ou administrativas dos bairros, no enquadramento das pessoas. Eles é que sabem ou deveriam saber, quem de facto não trabalha e que tipo de trabalho sabe fazer. E não apenas como muita gente pensa: Quem não o trabalha vai para a machamba. Isso também porque, no entender de certas pessoas, o trabalho no campo é só enxada.

Como diria Amândio Zandame-la, Comandante da PPM na cidade de Maputo, não é correcto o procedimento de certos agentes, milicianos e elementos dos grupos de vigilância, para com os cidadãos, detendo-os apenas porque não são portadores de cartão de trabalho.

Em certos casos, o marginal é que se apresenta rigorosamente identificado. Com documentos falsos e tudo!

N.C.